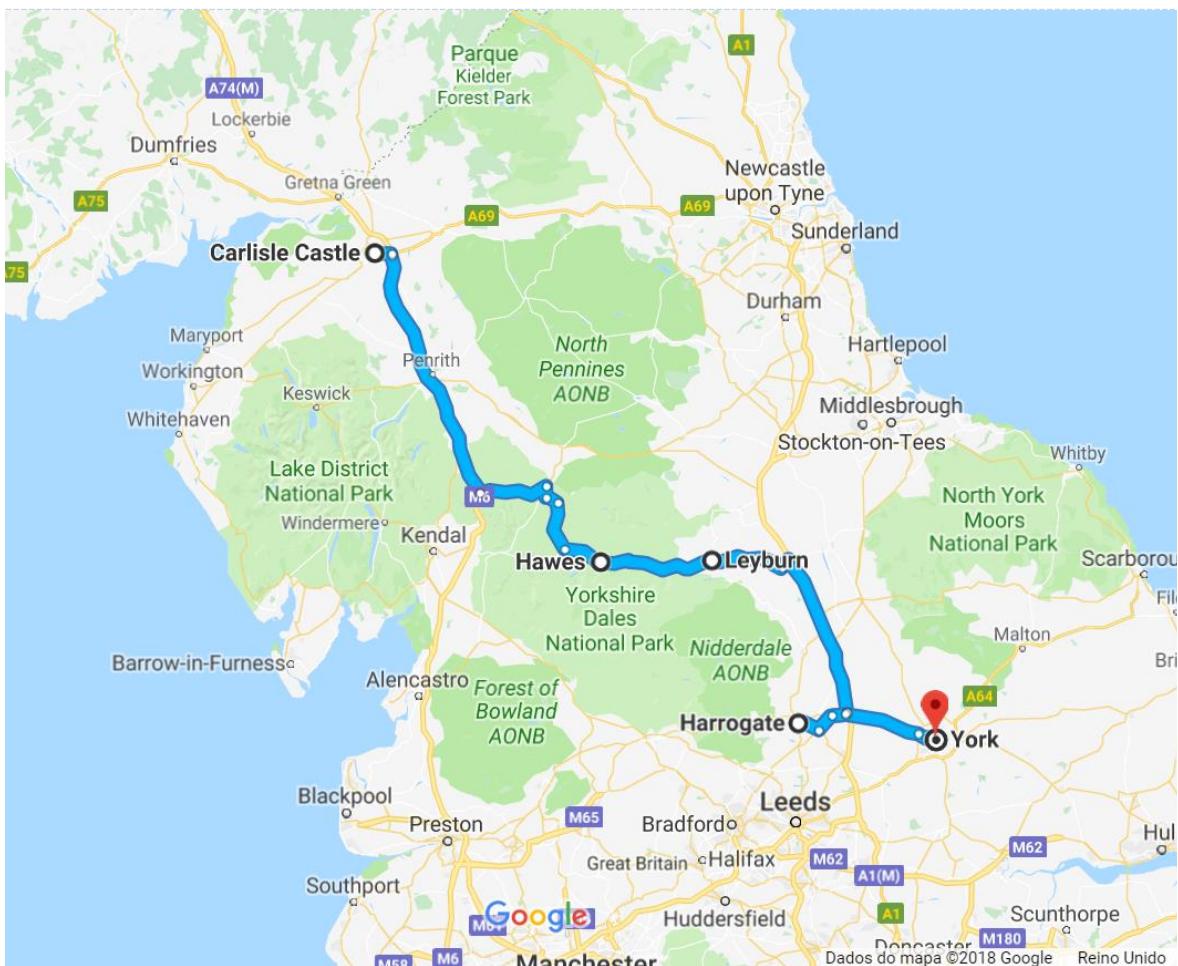


►Carlisle a York

Passando pelos vales de Yorkshire

Carminha Beltrão ► Setembro de 2018 ► Inglaterra



Carlisle a York

Passando pelos vales de Yorkshire

Durante esta viagem, a leitura de dois livros está me sensibilizando muito. Eles são diferentes entre si, mas se complementam e, sobretudo, influenciam a escrita desse diário de viagem.

O primeiro, *Meus desacontecimentos*, foi escrito pela jornalista e escritora Eliane Brum. Já havia lido textos dela no jornal *El País*. Sei que é filha de um professor da Unijuí, com quem meu marido conviveu, em sua juventude, quando também era professor dos cursos de férias nessa universidade no Rio Grande do Sul. Mais recentemente li o texto que ela escreveu justamente por causa da morte de seu pai. Simplesmente maravilhoso! O texto que li e agora esse livro são de deixar quem gosta de escrever e ler de queijo caído.

Como continuar a escrever meu diário de viagem, convivendo com texto que tem a qualidade de ser maravilhoso no uso e combinação das palavras e sensacional na forma de desvestir a autora e nos fazer vestir sua roupa como oportunidade de viver um pouco que seja a experiência do outro?

Achei que iria me ajudar começar a leitura do segundo livro que tínhamos na bagagem, de William Zinsser, intitulado *Como escrever bem*, cuja primeira edição é dos anos de 1970 e vem sendo reescrito e complementado desde então, lido por profissionais da escrita (professores, escritores, jornalistas) e por todo tipo de

gente que quer se comunicar. Ajuda? Claro que sim, mas também atrapalha um pouco, porque ele descreve com tamanha maestria o que não se deve fazer num texto e, à medida que isso vai sendo feito, vou reconhecendo vários vícios na minha forma de redigir que contrariam, com toda razão, suas recomendações. O que fazer? Parar de escrever? Acho que não poderia. Nisso fico com a Eliane Brum e prefiro falar não apenas pela boca, como falo sempre e demais, mas também pelas letras que fui juntando nesses rascunhos.

Pronto! Sem querer, achei uma solução, estes diários de viagem não são textos, são apenas rascunhos, anotações que, algum dia, quem sabe, posso burilar, ou, talvez, ficar completamente convencida que não vale a pena (não chegarei a atender o que me pede Zinsser e não tenho e não terei a capacidade de escrever de Brum).

Admitir os limites é um bom começo, para eu não ficar paralisada e registrar alguns aspectos sobre este percurso pelo norte da Inglaterra.

Carlisle já está muito próxima da fronteira com a Escócia. Representa mais ou menos até onde os romanos chegaram, na Antiguidade, expandindo seu império na Grã-Bretanha. O trajeto que fizemos no dia 3 de setembro nos levou a passar por territórios levemente ondulados, algumas colinas e quase nada de montanhas. Eliseu se lembrou do filme ‘O homem que subiu a colina e desceu a montanha’ (*The English who went up the hill and came down the mountain*), cujo roteiro se desenvolve durante a primeira guerra mundial, quando geógrafos mapeando e cartografando o País de Gales chegaram a uma região e verificaram que dada elevação, denominada

Ffynnon Garw tinha 985 pés e, por isso, se tratava de uma colina. Segundo convenção definida pela rainha, para ser uma montanha deveria ter 1000 pés.

Bom, toda essa explicação, apenas para justificar que não medi a altura das elevações, mas apenas avaliei que não eram altas demais. Assim, sem obedecer a convenção real, defino-as como colinas. O importante não é propriamente a altura delas, mas a beleza de suas formas. Estão enfeitadas com a história: habitações de todo tipo e padrão, agricultura que parece desenhada com lápis de cor da Faber Castell (caixa de alumínio com 96 cores, como aquelas que a gente teve vontade de ter, quando era criança!?) e ovelhinhas pastando suavemente, como num livro de histórias infantis. As múltiplas parcelas de uso do solo estão delimitadas por cercas de pedra, que devem estar lá desde a Lei de Cercas do século XVIII.

Como no percurso anterior, a estrada era muito estreita e, em algumas pontes, era preciso atenção porque apenas um carro podia atravessá-la por vez.

Faz de conta que as fotos estão nítidas e vocês não estão percebendo que o vidro do para brisa do carro estava sujo e molhado.



Passamos por Hawes, buscando fazer a uma das paradas do Roteiro 17 do Guia Estradas Visual Folha. A chuva estava mais forte e depois de duas voltas em torno da praça principal, avaliamos que seria melhor avançar para chegar ao restaurante mais recomendado da região, localizado na pequena Leyburn, chamado The Sandpiper

Inn, descrito como uma hospedaria tradicional que oferece comida inovadora e de qualidade Era essa a nossa chance de gostar da culinária britânica. Sei que pode parecer estranho, mas, em Leyburn com pouco mais que 1800 habitantes, segundo apurei via Google, tivemos a maior dificuldade para estacionar o carro que afinal ficou numa curva já quase na saída da cidade. A fachada da tal hospedaria é charmosa, olho pela pelas janelas laterais e o restaurante tem toalhas brancas e flores naturais lilás em todas as mesas. Dobramos a esquina, meu marido e eu bem juntinhos como se isso ajudasse a se molhar menos, sem guarda-chuva; subimos os três largos degraus de pedra e tentamos abrir a porta que está fechada.... É segunda feira. Que falta de sorte. O restô parece que não funciona hoje.

Vamos embora para o carro de novo, com as jaquetas já muito úmidas e o carro começando a cheirar cachorro molhado de tanto entra e sai, abre e fecha, pinga e seca.

Próxima parada – Harrogate. Essa já é uma cidade bem maior e mostra, pelo comércio e número de agências bancárias, que deve ter papel regional, como um centro próximo de oferta de bens e serviços para quem mora nas cidades pequenas e vilarejos, bem como no campo.

O prédio mais bonito é o Royal Baths, antes ocupado por uma estação de banhos e cuidados para a saúde, por causa das águas sulfurosas que são abundantes nesse lugar.

O prédio tem uma fachada bonita que deve alcançar a extensão de uns 100 metros. Revestido de uma pedra com cor de burro

quando foge, até passa a impressão de estar triste, mas é imponente.



Quando eu era pequena e morava em São Paulo, todo mundo que tivesse um padrão de mais ou menos para muito bom fazia férias de inverno numa estação de águas – Poços de Caldas, Caxambu, São Lourenço, Cambuquira e outras. Minha avó paterna curtia esses passeios e economizava da mesada dada pelos filhos para passar uma semana que fosse, na contra-temporada (abril ou setembro) numa dessas estações. E lá vinha ela pedindo para as netas passarem a mão na sua pele e constatarem o quanto estava macia depois de tanto banho. Como ela comprava um bilhete semanal para o acesso às termas, fazia questão de ir tomar um banho pela manhã e outro à tarde. Numa dessas ocasiões acabou passando mal e ficou sem explicação a dar quando a enfermeira lhe perguntou se o médico não havia avisado que deveria ser um banho por dia apenas, porque o efeito era muito forte, sobretudo por causa da temperatura e da densidade da água. Ela ficou anos contando essa história muitas vezes e concluía sempre com a mesma frase: “A idiota da enfermeira não sabe o custo do dinheiro. Se posso tomar dois banhos, porque iria tomar um só?”

Idiota era o máximo que ela usava que pudesse ser parecido com um palavrão e adorava falar “Esse idiota!” toda vez que alguém a quem ela tinha pouco apreço se manifestava e, assim, fazia todos os sábados quando via o Programa do Chacrinha que criticava semanalmente, mas não perdia nunca.

Pois é, hoje ninguém mais faz ‘estação de águas’ e pouca gente gosta de água sulfurosa, por isso parece que Harrogate tem mais turistas como nós, mais interessados em fazer fotografia do que tomar banho. Agora vou fazer um zoom da foto do Royal Baths e você verá que, na entrada lateral, tem a indicação da função atual do prédio – um restaurante chinês!!! É possível?



Ainda assim, os jardins reais continuam lindos.



Passava das duas horas e o estômago já estava nas costas. Estando na Grã-Bretanha, para se ter certeza de boa comida, nada melhor do que um restaurante italiano. Havia em dois quarteirões três ou quatro e escolhemos o Gino, cujos garçons simpáticos e o risoto de aspargos maravilhoso ajudou a gente a esquecer rapidinho do restô fechado em Leyburn.



O garçom rapidamente começou a falar em italiano com meu marido, explicou que era da Sardenha e que na Inglaterra era muito grande o número de italianos que estava estabelecido com esse negócio.

O tamanho do restaurante, com dois andares e vários ambientes e o número de fotos que o dono tem na parede com celebridades me fez ter dúvida se esse é mesmo o único negócio que ele administra.

Andar pelas ruas de Harrogate foi muito agradável. Além do Royal Baths outras construções mais singelas me chamaram atenção. Uma delas foi a de uma galeria – a Westminster Arcade. Outra foi a de elegante casa de chá cuja vitrine maravilhosa a senhora de guarda-chuva azul espreitava cuidadosamente, andando para lá e para cá como se estivesse a examinar cada docinho com atenção, antes de entrar e se deliciar com um deles. Fiquei esperando por uns segundos para fazer a

foto, até que desisti, porque mesmo com chuva ela continuava na vitrine.





Dentro, o público se deliciava escolhendo o que comprar ou o que comer lá mesmo.

Pensei em entrar, mas após o risoto no restaurante italiano não cabia mais nada no estômago.

York foi nosso destino nesse percurso, mas vou deixar para escrever sobre essa cidade no próximo capítulo.

Carminha Beltrão

Setembro de 2018

